

# MARROCOS: O SEXO COMO ARMA DE REPRESSÃO

**As denúncias das actividades repressivas dos serviços de segurança do regime marroquino sobre as/os profissionais de informação continuam a multiplicar-se. Um regime que recorre a todas as armas para intimidar, submeter, calar.**

É o caso do jornalista saharauí Ibrahim Amrikli de que a Amnistia Internacional (AI) denunciou as falsas provas a que as autoridades de Rabat recorreram para o acusar. Segundo a AI, Amrikli foi preso em 15 de Maio passado em El-Aaiun, capital do Sahara Ocidental, por quatro polícias que o forçaram a entrar numa viatura, a pretexto de estar a violar o estado de emergência. «Apesar de ter um livre-trânsito para se deslocar, foi detido durante dois dias durante os quais sofreu maus-tratos na esquadra da polícia.». Acusado de pertencer à Fundação Nushatta para a Comunicação e os Direitos Humanos, compareceu no passado dia 7 deste mês no Tribunal de Primeira Instância de El-Aaiun, o qual decidiu adiar o julgamento para o dia 28. A Amnistia refere ainda o caso da detenção do jornalista saharauí Essabi Yahdih a 1 de Julho de 2020 também em El-Aaiun, confirmando que também ele, fundador do órgão de comunicação ALGARGARAT, tinha sido detido pelas suas actividades profissionais.

Mas como temos dado conta, nem só as/os profissionais de informação saharauís são alvo da perseguição policial marroquina. Afaf Bernani, uma jornalista presentemente refugiada em Tunes, escreveu um ARTIGO DE OPINIÃO no WASHINGTON POST onde relata a sua experiência pessoal e a de outros colegas que ousaram desafiar o *status quo* imposto, tendo o regime recorrido à sua vida privada para os chantagear. Escreve ela:

«Em 29 de Julho as autoridades marroquinas prenderam o jornalista Omar Radi após mais de um mês de investigação sobre as alegações de que ele colaborou com serviços de informação estrangeiros. No dia da sua prisão o Promotor anunciou que Radi também enfrentava acusações de estupro. Radi está agora entre os vários jornalistas independentes acusados pelo regime marroquino de agressão sexual.

«Pode ser uma surpresa ouvir-me dizer que eu - como mulher marroquina e como alguém que viveu as lamentáveis realidades do assédio sexual em Marrocos - esteja céptica em



Fig. 1: A "liberdade" segundo Mohamed VI

relação a essas acusações. Embora a agressão sexual e o abuso de qualquer tipo sejam abomináveis e mereçam sempre uma investigação séria, há boas razões para acreditar que tais alegações estão a ser exploradas para fins políticos. Por quê? Porque isso aconteceu comigo.

«A minha vida ficou virada do avesso quando em 24 de Fevereiro de 2018 recebi um telefonema da polícia. Convocaram-me para um interrogatório após a prisão de Taoufik Bouachrine, jornalista e editor-chefe do jornal diário independente AKHBAR AL-YAOUIM.

«Durante mais de oito horas, os interrogadores pressionaram-me agressivamente para confessar que Bouachrine me tinha violado. Digo "confessar" porque, a partir daquele momento, era claro que se eu recusasse condescender com a narrativa do regime de ser uma "vítima", enfrentaria o destino de um "criminoso".

«Aquele dia marcaria o início de uma série de eventos traumáticos. Dias depois do interrogatório, vi que não só a polícia havia falsificado as minhas declarações mas também que extractos do meu suposto testemunho foram divulgados pelos meios de comunicação estatal. Em resposta a esta grave prepotência, apresentei uma queixa por perjúrio no Tribunal de Cassação em Rabat.

«Pouco depois, a polícia sequestrou-me da casa de um amigo com quem estava - sem apresentar um mandado - tendo cercado o edifício com vários agentes. A polícia levou-me directamente ao tribunal, onde o procurador me interrogou durante várias horas, insistindo que era eu quem tinha falsificado o depoimento. Mais tarde naquele dia, o promotor deu uma conferência de imprensa em que projectou um vídeo sem som do início do meu interrogatório - um vídeo que eu não sabia que estava a ser gravado. Capturas de imagem deste vídeo também foram incluídas em artigos sobre o meu caso em meios de comunicação ligados ao Estado. Imediatamente depois, o promotor anunciou que me acusava de difamação e prestação de falso testemunho. Num tempo recorde fui condenada a seis meses de prisão sem acesso a um advogado. Embora eu tenha recorrido, o tribunal manteve a sentença.

«Durante todo este processo, que culminou com a condenação de Bouachrine a 15 anos de prisão, suportei várias formas de assédio e tortura psicológica. Além de muitas horas de interrogatório, as autoridades invadiram ilegalmente a casa do meu amigo, cortando a água e a electricidade. Fui constantemente assediada e difamada nos meios de comunicação social estatais, que de súbito passaram a simpatizar comigo como uma suposta vítima de agressão sexual para degradar o meu carácter com insultos difamatórios e me apresentarem como culpada. Uma vez, a acusação chegou a acusar-me de sofrer da Síndrome de Estocolmo, enquanto os advogados das supostas vítimas de Bouachrine alegaram falsamente que eu participara num vídeo pornográfico.

«Durante esta provação em nenhum momento me senti resguardada. Nem por um segundo acreditei que o regime marroquino estivesse a agir no meu interesse. Pelo contrário, encontrei-me envolvida num processo legal duvidoso que me privou do meu arbítrio e dignidade. Foi nestas circunstâncias que acabei por decidir fugir do meu país e procurar refúgio na Tunísia, longe da minha família e entes queridos.

«Mais de dois anos depois, Bouachrine continua na prisão por acusações de estupro. Antes da prisão de Radi, as autoridades prenderam em Maio de 2020 o jornalista Soulaïman Raïssouni também por acusações de violência sexual. Não só Raïssouni era um ex-colega

de Bouachrine no AKHBAR AL YAOUM, mas também a sua sobrinha, a jornalista Hajar Raissouni, foi presa no ano passado por acusações de que havia praticado um aborto e se tinha envolvido em sexo extraconjugal (ambos considerados crimes pela lei marroquina). O mesmo regime que afirma defender as vítimas de agressão sexual submeteu Hajar Raissouni a um exame médico violentamente coercivo para construir as acusações de aborto contra ela.

«Como Bouachrine, Omar Radi foi alvo das autoridades muito antes da sua recente prisão e acusação de estupro. Em Dezembro passado, Radi foi preso e acusado por um *tweet* que divulgou. Antes da sua prisão no mês passado, a Amnistia Internacional revelou que também tinha sido alvo de um programa de espionagem do grupo privado NSO, que apenas os governos têm capacidade para adquirir e implementar.

«A violência sexual, como em outras partes do mundo, continua a ser uma triste realidade em Marrocos. No entanto, ao escolher selectivamente jornalistas independentes o regime envia uma mensagem preocupante às vítimas e sobreviventes de que as únicas alegações que está interessado em levar a sério são – convenientemente — as que incidem contra os mais duros críticos do regime. Isso não banaliza apenas a violência sexual mas representa um futuro preocupante para a liberdade de imprensa em Marrocos.»